

*A todos os que com suas orações e apoio financeiro se juntam a mim no ministério, dedico de coração este livro.*

*“Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós [...] em razão da vossa cooperação na causa do evangelho” (Fp 1.3-5)*



## SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> .....	9
1. Santos comuns .....	11
2. O desaparecimento do pecado.....	17
3. A malignidade do pecado.....	23
4. A cura do pecado.....	31
5. O poder do Espírito Santo.....	39
6. Orientações para lidar com o pecado.....	47
7. Impiedade .....	53
8. Ansiedade e frustração .....	61
9. Insatisfação.....	69
10. Ingratidão.....	77
11. Orgulho.....	85
12. Egoísmo .....	97
13. Descontrole .....	105

14. Impaciência e irritabilidade .....	111
15. Ira.....	117
16. Ervas daninhas da ira .....	125
17. Mania de julgar .....	137
18. Inveja, ciúme e pecados afins.....	145
19. Pecados da língua .....	153
20. Mundanismo .....	159
21. E agora?.....	169



## PREFÁCIO

“**Q**uem dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro a atirar uma pedra nela” (Jo 8.7). Embora muitos estudiosos questionem se o famoso relato da mulher acusada de adultério deveria realmente fazer parte do evangelho de João, a frase tornou-se parte da cultura popular, do mesmo modo que outra também parecida: “Não julgueis, para que não sejais julgados” (Mt 7.1).

Como o título deixa claro, este livro fala sobre pecado — não sobre os pecados óbvios da sociedade, mas sobre os pecados sutis dos cristãos, público-alvo destas páginas. Assim, gostaria de afirmar logo de cara que não estou livre dos pecados aqui mencionados. Na verdade, o leitor observará que, algumas vezes, cito minhas tristes experiências para exemplificar esses pecados.

Este livro é resultado da convicção crescente de que as pessoas entre nós, a quem chamo de evangélicos conservadores, ficaram tão preocupadas com alguns pecados graves da sociedade que deixaram de lado a necessidade de lidar com nossos pecados mais “refinados” ou menos óbvios.

Embora o propósito aqui seja tratar desses pecados “intocáveis”, também desejo que este seja um livro de esperança. Não devemos jamais nos chafurdar desesperançados em nossos pecados. Pelo

contrário, devemos crer no evangelho por meio do qual Deus lida com a culpa do pecado e com o domínio deste sobre nós.

O evangelho, contudo, é somente para os pecadores, para aqueles que reconhecem que precisam dele. Muitos cristãos acham que o evangelho é só para os não crentes. Achamos que, uma vez que confiamos em Cristo, o evangelho é dispensável. No entanto, como tento mostrar aqui, o evangelho é uma dádiva essencial de Deus, não somente para nos trazer salvação, mas também para nos ensinar a lidar com a atividade constante do pecado em nossas vidas. Desse modo, precisamos sim do evangelho diariamente.

De forma alguma, este livro consegue tratar de todos os possíveis pecados sutis com os quais temos de lidar. Vários colegas que estão comigo no ministério cristão examinaram a longa relação de pecados que anotei e me ajudaram a reduzi-los a uma lista razoável dos mais comuns. A esses amigos, a minha mais profunda gratidão pelas opiniões.

Três outras pessoas merecem reconhecimento especial. Don Simpson, que além de meu editor é também amigo íntimo, por sua imensa ajuda. Dr. Bob Bevington, com quem colaborei recentemente na produção de um livro, por ter lido o manuscrito e oferecido sugestões inestimáveis. A sra. Jessie Newton, por ter digitado o manuscrito no computador para que fosse apresentado a NavPress. Este é o terceiro manuscrito que Jessie digita para mim. Conteí também com um grupo grande de pessoas que sustentaram este projeto em oração. Agradeço a todos vocês por colaborarem com este livro.

Acima de tudo, a Deus seja a glória, hoje e sempre. Amém.

# capítulo 1



## SANTOS COMUNS

A igreja de Corinto era um exemplo típico de grande balbúrdia moral e teológica. Os crentes eram orgulhosos e rebeldes; toleravam a indecência, processavam uns aos outros, vangloriavam-se da liberdade em Cristo, exageravam na ceia do Senhor e estavam equivocados quanto aos dons espirituais e confusos sobre a ressurreição dos salvos. Contudo, ao escrever-lhes, Paulo chama essa turma de “santos” (2Co 1.1) ou de “chamados para serem santos” (1Co 1.2).

Devido ao uso corrente, é normal o significado das palavras mudar com o tempo. Hoje não chamaríamos aqueles atrapalhados de Corinto de santos; talvez pudéssemos chamar de mundanos, carnis ou imaturos, porém nunca de santos. Na tradição católica, santidade é conferição postumária aos cristãos de caráter e realizações excepcionalmente notáveis. Escrevo este capítulo logo após a morte do admiradíssimo papa João Paulo II, e o desejo popular de canonizá-lo já tomou conta do mundo.

Parece que, no decorrer da história da Igreja, quase todos os apóstolos originais, incluindo Paulo, receberam o título de santo. Igrejas católicas, principalmente, levam seus nomes: Igreja São Judas Tadeu, Igreja São João Batista. Até Matias, escolhido para o lugar de

Judas, tem igreja em sua honra. E é claro que acima de todas se destaca a Basílica de São Pedro, no Vaticano.

Hoje, fora da Igreja Católica Romana e das tradições ortodoxas, o termo *santo* é raramente usado. Em geral, nos casos em que ainda é usado, descreve uma pessoa (quase sempre idosa) de caráter particularmente virtuoso. Um neto talvez diga: “Se existe alguém santo neste mundo, é minha avó”. Ao ouvir a frase, imediatamente imaginamos uma senhora gentil e carinhosa que lê a Bíblia e ora diariamente, e é conhecida por ajudar o próximo.

Então, como é que o apóstolo Paulo pode chamar os desnorreados crentes de Corinto de santos? Na verdade, essa parece ser a forma de tratamento favorita de Paulo. Ele a usa em várias de suas cartas e vive chamando os cristãos de santos (veja, por exemplo, Rm 1.7; 16.15; 1Co 1.2; 2Co 1.1; Ef 1.1; Fp 1.1; 4.21,22; Cl 1.2). Como é que Paulo pode se referir a *cristãos comuns*, até mesmo aos desordeiros de Corinto, como santos?

A resposta encontra-se no significado da palavra, do modo como é usada na Bíblia. O termo grego que traduz santo é *hagios*, e refere-se não ao caráter da pessoa, mas ao estado de ser. O significado literal é “separado para Deus”. Nesse sentido, cada cristão — até mesmo o mais simples e imaturo — é santo. Na realidade, em 1Coríntios Paulo se dirige “aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos” (1.2). Talvez nos surpreendamos com o uso que Paulo faz aqui do termo *santificados*, que geralmente associamos com o viver santo. Todavia, as palavras *santificado* e *santo* têm a mesma raiz no grego. O santo simplesmente é alguém santificado. Embora soe estranho, poderíamos reescrever a saudação de Paulo literalmente como “aos separados em Cristo Jesus, chamados para serem separados.”

Separados para quê? Seria melhor perguntar: “*Separados para quem?*” A resposta é: “para Deus”. Todo cristão verdadeiro foi separado ou reservado por Deus para Deus. Em outra carta, Paulo descreve nosso Senhor Jesus Cristo como aquele que se entregou por nós para nos redimir de toda maldade e purificar para si um povo todo seu, dedicado às boas obras (v. Tt 2.14). Em 1Coríntios 6.19,20, Paulo afirma que não somos de nós mesmos, pois fomos comprados por